

O pós-humano como fim buscado através da discussão da necessidade ou não da ‘melhora’ do ser por meios biotecnológicos.

*João Henrique Carneiro Stabile**

RESUMO:

A busca por uma definição de moralidade que seja cabível a todos os povos perpassa anos. Com essa indefinição e com essa multiplicidade de moralidades presentes em nosso tempo, o homem não consegue firmar a base da sua dignidade que está, assim, sendo deturpada. As biotecnologias se apresentam como a possibilidade de uma ‘melhora’ do humano para que esse possa se definir e se firmar como ‘ser humano’ digno e moral. Com isso, o artigo apresenta a discussão do ser ou não ser digno a questão do melhoramento do humano na perspectiva da igualdade entre os povos e na não definição de uma moralidade fixa. Busca-se uma definição em meio a um tempo que não tem sustentação de questões morais igualitárias e com isso a impossibilidade de definição de uma dignidade que abranja a todos os homens. Essa discussão adentra no campo religioso em uma perspectiva de conservação do humano como no ‘original’ e na repulsa do ‘melhorar’ para possibilitar a diferença. Assim, esse artigo visa um iniciar na discussão da necessidade da definição de uma moralidade única para que se possa discutir a questão do ser digno ou não ‘melhorar’ por meios biotecnológicos o ser humano, tendo como consequência o pós-humano.

PALAVRAS-CHAVE: Moralidade, Aprimoramento, Dignidade

TEXTO

O homem, nos dias atuais, tenta a todo instante determinar a sua dignidade como ser humano. Esse termo *dignidade* sofre deturpações, pois é um termo que conta com uma amplitude de significações e conta, ainda, com a possibilidade de variação.

O ser humano, nessa busca incessante da tentativa de definição de sua dignidade, recorre aos valores morais para que esses lhe deem o suporte necessário para essa tarefa. Contudo, a própria moralidade se encontra em crise, pois não há somente uma moralidade, mas uma pluralidade de moralidades que a todo instante se modificam e variam conforme a necessidade de cada ser naquele exato momento.

Graduando do último semestre (2014) de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Agencia financiadora: CNPq. E-mail: stabile.jhc@gmail.com

O pluralismo de noções morais sustenta a ideia de que todos não reconhecem uma moralidade de fundo semelhante. (ENGELHARDT, 2012, p. 63)

Essa crise da moralidade se dá, principalmente pela intensa busca humana de, como afirma Francis Fukuyama¹, “reconhecimento”. Essa busca pelo reconhecimento é na verdade a luta diária que a humanidade se encarrega de impor a todos os homens para que esses busquem o reconhecimento e o prestígio dos outros homens. O homem não consegue mais se autovalorizar, pois necessita do reconhecimento do outro para prestígio e glória próprios. A todo instante, o homem busca esse reconhecimento a qualquer custo, mesmo que seja necessária a luta entre seres para que um seja reconhecido pelo outro como um ser digno de ser valorizado como ser humano. A,

“luta pelo reconhecimento” é na verdade um modo muito útil e esclarecedor de ver o mundo contemporâneo. Nós, habitantes de países de democracia liberal, estamos agora tão acostumados a explicações que reduzem a motivação de fatos correntes a causas econômicas, e somos tão completamente burgueses em nossas percepções que frequentemente nos surpreendemos com a descoberta de que a vida política é quase totalmente não-econômica. Na verdade, não temos sequer um vocabulário comum para falar sobre o lado afirmativo e digno da natureza humana, responsável por muitas guerras e conflitos políticos. [...] a “luta pelo reconhecimento” é evidente em toda parte e constitui a base dos movimentos contemporâneos pelos direitos liberais [...] (FUKUYAMA, 1992, p. 185-186)

Para pautar essa busca pelo reconhecimento que Fukuyama prega, o autor referido se baseia no conceito de *Primeiro Homem* de Hegel, no qual afirma que o homem por livre e espontânea vontade se arrisca, de bom grado, para receber esse reconhecimento, afinal, o conceito de natureza humana não está estagnado em uma única definição, é um conceito livre e *não-determinado*, pois o que o homem é hoje, é fruto de uma evolução contínua que vem sofrendo através dos tempos.

o que a raça humana é hoje é o produto de um processo evolucionário que vem prosseguindo por milhões de anos, um processo que com alguma sorte se estenderá muito no futuro. Não há características humanas fixas, exceto por uma capacidade geral de escolher o que queremos ser, de nos modificar de acordo com nossos desejos. (FUKUYAMA, 2003, p. 20)

¹ Francis Fukuyama nasceu em 1952 e diplomou-se nas universidades de Cornell e Harvard. É Bernard Schwartz Professor de economia política internacional na Paul H. Nitze School of Advanced International Studies, Johns Hopkins University. Em 2002 foi nomeado para o Conselho sobre Bioética da Presidência dos Estados Unidos. (Retirado dos livros ‘O fim da História e o Último homem’ e ‘Nosso Futuro Pós-Humano’ do referido autor, 1992 e 2003)

Para Hegel, o homem busca o reconhecimento, pois tem a necessidade de se autodeterminar a partir dos outros.

O “primeiro homem” de Hegel partilha com os animais certos desejos naturais básicos, como o desejo de alimentos, sono, abrigo e, acima de tudo, da preservação da própria vida. Nesse contexto ele é parte do mundo natural ou físico. Mas o “primeiro homem” e Hegel difere radicalmente dos animais na medida em que não deseja apenas objetos reais e “positivos” – um bife, um casaco de peles para se agasalhar, ou um abrigo onde possa morar – mas também objetos totalmente não materiais. Acima de tudo, deseja o desejo de outros homens, isto é, ser querido por outros ou ser *reconhecido*. Para Hegel, o indivíduo não podia se tornar autoconsciente, ou seja, tornar-se consciente de si como ser humano distinto sem ser reconhecido por outros seres humano. Em outras palavras, o homem foi, desde o começo, um ser *social*; sua noção do próprio valor e identidade está intimamente ligada ao valor que os outros dão a ele. (FUKUYAMA, 1992, p. 187)

Apesar de Fukuyama utilizar o conceito de Hegel, temos que para Thomas Hobbes o seu conceito de primeiro homem é bem parecido, mas para ele o que conduz o homem não é o reconhecimento e o prestígio dos outros para com ele, mas o medo da morte. O homem luta sim pelo reconhecimento dos outros, mas acima de tudo e, o que o conduz, é o medo da morte, o medo que ele tem de morrer.

o sentimento humano mais forte é o medo da morte violenta, e o mais forte imperativo moral é a preservação da própria existência física. (FUKUYAMA, 1992, p. 198)

Já para John Locke, no mesmo instante em que o homem configura o seu desejo pelo reconhecimento do outros frente a sua natureza de ser homem, ele deve configurar o seu desejo para a manutenção e preservação de sua vida e a busca por conforto. Para Locke, o homem ao mesmo instante que deseja ser reconhecido, ele busca a preservação e a elevação do conforto para si. O primeiro homem assim,

entra na sociedade civil não simplesmente para proteger as posses materiais que tem no estado de natureza, mas para abrir a possibilidade ilimitada de obter mais. (FUKUYAMA, 1992, p. 201).

Apesar de tudo, Fukuyama se apodera do conceito de Hegel, pois para ele a moralidade está em crise, pois o homem busca a qualquer preço o reconhecimento dos outros, não tendo nem medo de morrer. Essa busca pelo reconhecimento não é uma busca pautada em definições abstratas, mas é uma busca que se encontra na personalidade da pessoa, o homem tem essa necessidade não por vontade própria, mas porque essa necessidade se encontra na sua própria natureza, natureza essa de ser homem.

Assim, nos dias de hoje, se pensar em uma moralidade que responda a todas as necessidades humanas, ou seja, se pensar em uma moralidade de cunho global é algo totalmente inconcebível, pois o homem tem em si a liberdade, e em posse dela, busca o seu reconhecimento a qualquer preço, perdendo a noção de colegialidade e cumplicidade para com o próximo. O homem arrisca a própria vida para ser reconhecido e isso é totalmente contra a base para uma moralidade global, em que a manutenção da vida é o que conduz a paz.

Com essa multiplicidade de moralidades presente nos dias de hoje, não podemos dizer que exista uma moralidade global, mas utilizamos o termo de Engelhardt², ou seja, *moralidade secular*. Essa moralidade secular se banalizou de tal modo que se tornou apenas um mercado, onde as necessidades para a luta intensa e quotidiana que o homem traça em busca do reconhecimento recebem respaldo e sentido. É nessa moralidade secular e individual que o homem se apoia.

Em relação a essa individualidade, a escritora Virgínia Postrel³, anuncia que a sociedade vive cada vez mais um processo de individualização do humano, pois o homem busca maneiras para que se sustente e se mantenha por si só, sem depender de mais ninguém.

As pessoas querem que a tecnologia se desenvolva porque esperam usá-la para si mesmas, para ajudá-las e a seus filhos a trabalhar e conservar sua própria humanidade (...) em um sistema dinâmico, descentralizado de escolha e responsabilidade individuais, as pessoas não tem de confiar em nenhuma autoridade senão a sua própria (FUKUYAMA, 2003, p. 102)

Para tudo isso, a cada dia, a tecnologia avança na perspectiva de superar a necessidade do homem. As biotecnologias vêm se desenvolvendo com objetivos de proporcionar ao homem facilidades e escolhas para a sua vida. A prática conhecida como o *Enhancement*, cresce de tal maneira que muitas vezes não damos conta de processar todas as “novidades” propostas. Por *enhancement*, entendemos por aprimoramento, onde o homem, por meio das biotecnologias busca o aprimorar do próprio ser para que ele possa encontrar maior facilidade no viver, e maiores oportunidades na vida.

Essas novas tendências, crescem na perspectiva de que a possibilidade da seleção de características humanas desejadas podem ser inseridas no ser, criando assim “pós-humanos”

² H. Tristram Engelhardt, Jr. É graduado em medicina e filosofia. É titular do departamento de Filosofia na Rice University e professor emérito do Departamento de Medicina no Baylor College of Medicine. Além de ter escrito mais de trezentos artigos e capítulos de livros e coeditados trinta obras. (Retirado do livro Bioética Global, do referido autor, 2012)

³ Escritora americana.

que contam com especificações selecionadas de maneira impositiva e direta que, “podem ser saudáveis e felizes, mas deixam de ser seres humanos” (FUKUYAMA, 2003, p. 19).

Como crítica a essa tendência, temos que a Igreja Católica a condena na perspectiva e a partir do momento em que esse aprimoramento faça com que se perca a característica de ser ser humano; momento em que o homem, tendo essa possibilidade nas mãos, esqueça a sua primeira característica, a de ser homem, e ser uma imagem e semelhança de Deus, se tornando assim um “homem fabricado” conforme o desejo próprio ou até de outros. Pois,

a todo o ser humano, desde a concepção até a morte natural, deve-se reconhecer a dignidade humana. Este princípio fundamental, que exprime um grande ‘sim’ à vida humana, deve ser colocado no centro da reflexão ética sobre a investigação biomédica, que tem uma importância cada vez maior no mundo de hoje. (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2008)

Como outra crítica, temos que a “fabricação e seleção” de característica para outros seres nunca influi sobre a minha vida, mas sobre a vida de outras pessoas. Assim, fica-se a dúvida na perspectiva da real liberdade da pessoa em ser aprimorada ou não, pois se eu escolho pelo outro, estou impedindo o outro de viver a sua própria liberdade de escolher.

Com tudo isso, temos que a dignidade da pessoa está em jogo, pois a moralidade estando em crise por conta da multiplicidade de oportunidades pessoais de determinação do ser, e a busca incessante de reconhecimento a qualquer preço e por prestígio dos outros homens para com ele, impede que a moralidade se fixe como única, e não se fixando como única impede que o homem se torne um agente moral global, e não se tornando um agente moral global, ele não consegue determinar a sua dignidade, e não a determinando, ele não consegue viver a sua condição de homem como sendo homem.

A busca por uma resolução se dá numa perspectiva de esperança de salvação que se fixa sobre as biotecnologias, pois “os argumentos de que a engenharia genética conduzirá a consequências inesperadas e talvez nunca produza os tipos de efeito que alguns esperam, não são suficientes para que nunca venha a ser tentada” (FUKUYAMA, 2003, p. 93). Busca-se uma igualdade entre os povos na tentativa de estabilidade de variação do ser por meio do aprimoramento do ser. Refugia-se a busca pela melhora na tentativa de igualdade dos humanos; justifica-se o uso de tais tecnologias como sendo elas as responsáveis pela igualdade dos seres, ou seja, as responsáveis pela transformação dos homens em seres iguais que compartilhem os mesmos ideais humanos e tenham os mesmos direitos perante a sociedade.

Assim, a grande dúvida é na questão da real possibilidade de transformação de uma sociedade individualista para uma sociedade igualitária somente pela via da transformação dos humanos em pós-humanos, selecionados e “fabricados” espontaneamente. Questiona-se assim, a estagnação do ser digno aprovar o aprimoramento tendo em vista os benefícios que o mesmo causaria para a sociedade. O homem, com isso, se torna somente um objeto de tentativa de melhoras para o todo, tentativa essa e primeiramente de definição de uma moralidade capaz de suprir as necessidades para que possa definir a dignidade humana como algo concreto e possível de ser vivido por todos. Somente o resultado de “novos humanos” não é suficiente para se afirmar que seja digno se “fabricar” homens capazes de manter a igualdade entre todos.

REFERÊNCIAS

BAERTSCHI, B. *Ensaio filosófico sobre a dignidade. Antropologia e ética das biotecnologias*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

CHISHOLM, B. “Future of the mind”. In: WOLSTENHOLME, Gordon (ed.). *Man and his Future*. Londres: Little, Brown, 1963.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução Dignitas Personae. Sobre algumas questões de bioética*. Disponível em: www.doctrinafidei.va/documents/rc_con_cfaith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html. Acesso em: 24 de jun de 2014.

ENGELHARDT JR., H. T. *Fundamentos da bioética cristã ortodoxa*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. *Fundamentos da Bioética*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. (org) *Bioética Global. O Colapso do Consenso*. São Paulo: Paulinas: União Social Camiliana – Centro Universitário São Camilo, 2012.

EVANS, J. H. Ciência, bioética e religião. In: HARRISON, Peter (org.). *Ciência e Religião*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

FUKUYAMA, Francis. *Nosso futuro pós-humano. Consequências da revolução da biotecnologia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. *O fim da história e o último Homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Fides et Ratio*. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 1998.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. “A invenção do pós-humano”. In: NOVAES, Adauto (org.). *A Condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutação*. São Paulo: Ed. SESCOB e Ed. Agir, 2009.

PESSINI, Leo. Bioética e o desafio do trans-humanismo. Ideologia ou utopia? Ameaça ou esperança?. In: *Sujeito na educação e saúde*. São Paulo: São Camilo e Loyola, 2007.

PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ, abr de 1987. In: PESSINI, L., BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de Bioética*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

RIFKIN, Jeremy. *O século da Biotecnologia*. São Paulo: Makron books do Brasil, 1999. Título original: *The Biotech century*, 1998.

SGRECCIA, Elio. *Manual de Bioética*. vol. 1 - Fundamentos e Ética Médica. São Paulo: Loyola, 2002.

TESTART, Jacques. *O homem provável*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

THIELICKE, H. The Doctor as Judge of Who Shall Live and Who Shall Die. In: VAUX, Kenneth (ed.). *Who Shall Live? Medicine, Technology, Ethics*. Philadelphia, PA: Fortress Press, 1970.

ZUBEN, Newton Aquiles von. *Bioética e Tecnociências. A saga de Prometeu e a esperança paradoxal*. Bauru: EDUSC, 2006.